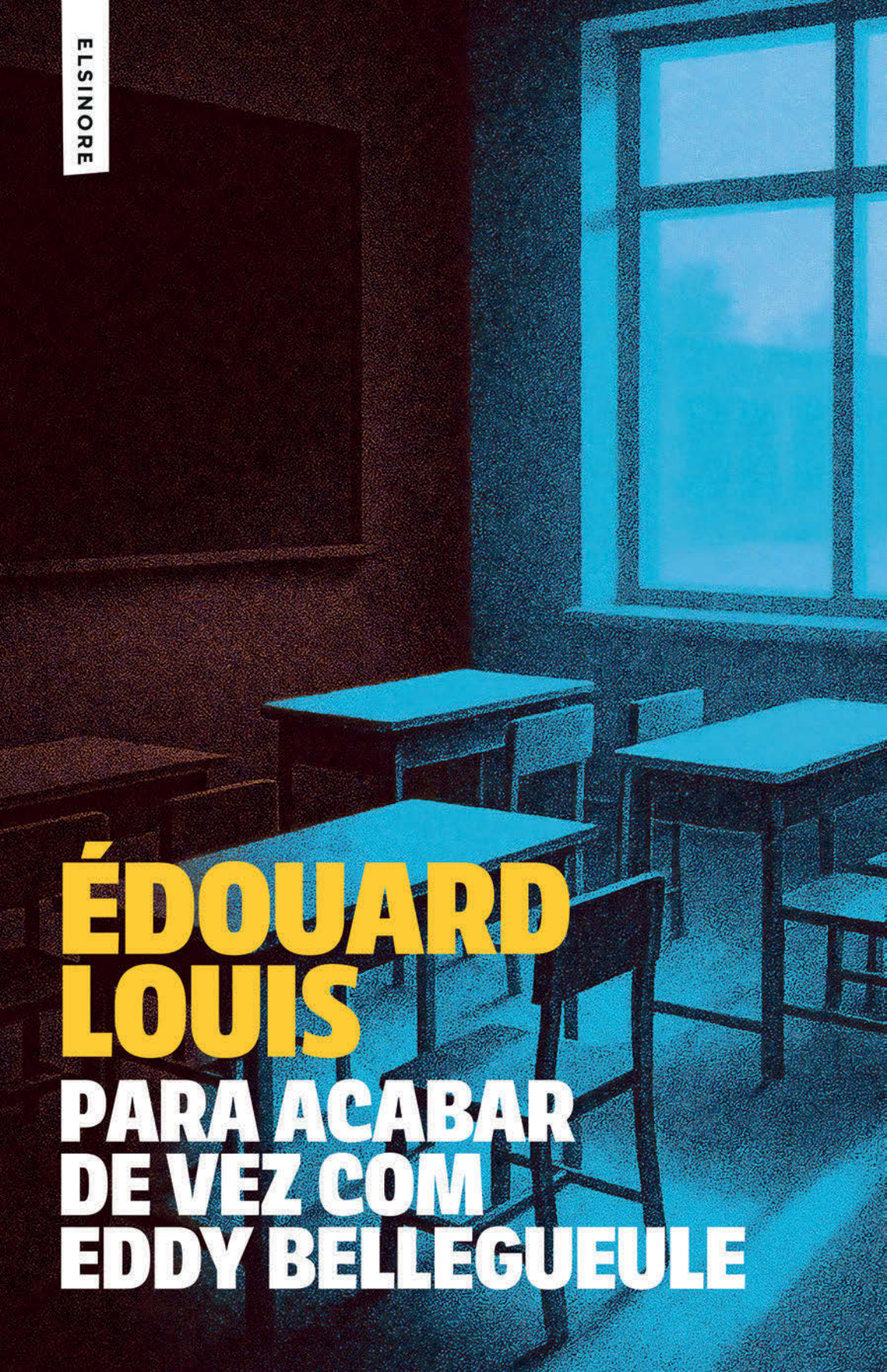




ELSINORE

ÉDOUARD LOUIS

PARA ACABAR
DE VEZ COM
EDDY BELLEGUEULE

A Didier Eribon

*Pela primeira vez, o meu nome pronunciado
não nomeia.*

MARGUERITE DURAS
A Ausência de Lol V. Stein

LIVRO 1

PICARDIA

(Fim dos anos 90 – início dos anos 2000)

ENCONTRO

Da minha infância, não tenho nenhuma recordação feliz. Não quero dizer que, durante esses anos, não tenha experimentado sentimentos de felicidade ou de alegria. Simplesmente, o sofrimento é totalitário: tudo o que não entra nesse sistema desaparece.

No corredor apareceram dois rapazes, o primeiro, grande, de cabelos ruivos, e o outro, pequeno, de costas arqueadas. O matulão de cabelos ruivos esgarrou *Toma lá nesse focinho*.

O esgarro deslizou lentamente pela minha cara, amarelo e espesso, como aqueles mucos sonoros que obstruem a garganta das pessoas idosas ou dos doentes, de odor forte e nauseabundo. Os risos agudos, estridentes, dos dois rapazes *Olha como foi em cheio no focinho do filho da puta*. Desliza do meu olho até aos lábios, até entrar na minha boca. Não ousa limpá-lo. Poderia fazê-lo, bastaria passar com as costas da mão. Bastaria uma fração de segundo, um gesto minúsculo, para impedir o esgarro de entrar em contacto com os meus

lábios, mas não o faço, com medo de que eles se sintam ofendidos, com medo de que se enervem ainda mais.

Não imaginava que o fizessem. No entanto, a violência não me era estranha, longe disso. Tinha visto, desde sempre, até onde vão as minhas recordações, o meu pai, bêbedo, à saída do café, a brigar com outros homens bêbedos, a partir-lhes o nariz ou os dentes. Homens que tinham olhado para a minha mãe com demasiada insistência, e o meu pai, sob o efeito do álcool, que explodia *Quem é que tu pensas que és, a olhares para a minha mulher dessa maneira, seu filho da puta*. E a minha mãe a tentar acalmá-lo *Acalma-te, querido, acalma-te*, mas as suas reclamações eram ignoradas. Os amigos do meu pai, que a certa altura acabavam por intervir, como mandavam as regras, isso é que era ser mesmo amigo, um *bom compincha*, a juntarem-se à luta para o separar do outro, a vítima da sua embriaguez, com a cara cheia de feridas. Via o meu pai, assim que uma das nossas gatas dava à luz as suas crias, meter os gatinhos acabados de nascer num saco de plástico de supermercado e bater com o saco numa esquina de cimento até ele ficar cheio de sangue e os miados cessarem. Tinha-o visto degolar porcos no jardim, beber o sangue ainda quente, que extraía para fazer morcela (o sangue nos seus lábios, no queixo, na *t-shirt*) *O melhor é isto, o sangue acabadinho de sair do animal a morrer*. Os gritos do porco em agonia, quando o meu pai lhe furava a traqueia, ouviam-se por toda a aldeia.

Eu tinha dez anos. Era novo na escola. Quando eles apareceram no corredor, não os conhecia. Ignorava mesmo os seus nomes, o que não era frequente nesse pequeno estabelecimento escolar de duzentos alunos apenas, onde todos muito

rapidamente se conheciam. Vinham em passo lento, sorridentes, sem sinal de agressividade, de tal modo que, num primeiro momento, pensei que se vinham apresentar. Mas porque haveriam os grandes de me vir falar, a mim, que era novo? O pátio do recreio funcionava da mesma maneira que o resto do mundo: os grandes não se aproximavam dos pequenos. A minha mãe dizia-o, falando dos operários *Nós, os pequenos, não interessamos a ninguém, sobretudo aos grandes burgueses.*

No corredor, perguntaram-me quem eu era, se era eu o *Bellegueule* de quem toda a gente falava. Fizeram-me esta pergunta, que depois repeti incansavelmente durante meses, anos,

És tu o paneleiro?

Formulando-a, inscreveram-na em mim para sempre como um estigma, essas marcas que os gregos gravavam com um ferro em brasa nos corpos dos indivíduos transgressores, perigosos para a comunidade. A impossibilidade de me desfazer delas. A surpresa foi fulminante, ainda que não fosse a primeira vez que me diziam tal coisa. À injúria, nunca nos habituamos.

Um sentimento de impotência, de perda de equilíbrio. Sorri — e a palavra *paneleiro* que ressoava, explodia na minha cabeça, palpitava em mim com a frequência do meu ritmo cardíaco.

Eu era magro, eles devem ter calculado que a minha capacidade para me defender era fraca, quase nula. Naquela idade, os meus pais chamavam-me muitas vezes *Esqueleto*, e o meu pai repetia continuamente as mesmas graçolas *Se não te pões*

a pau, voas com o vento. Na aldeia, o peso era uma característica valorizada. O meu pai e os meus dois irmãos eram obesos, assim como várias mulheres da família, e dizia-se de bom grado *Mais vale adoecer por comer muito do que morrer de fome.*

(No ano seguinte, cansado do sarcasmo da minha família acerca do meu peso, decidi engordar. Comprava pacotes de batatas fritas à saída da escola com o dinheiro que pedia à minha tia — os meus pais não poderiam dar-mo — e empanturrava-me. Eu, que tinha até então recusado comer os pratos demasiado gordurosos que a minha mãe cozinhava, precisamente com receio de ficar como o meu pai e os meus irmãos — ela exasperava-se: *Isto não te vai entupir o buraco do cu* —, passei de repente a devorar tudo o que me punham à frente, como aqueles insetos que se deslocam em nuvens e fazem desaparecer paisagens inteiras. Ganhei vinte quilos num ano.)

Começaram por me empurrar com a ponta dos dedos, sem muita brutalidade, sempre rindo, e eu sempre com o escarro na cara, depois cada vez com mais força, até eu bater com a cabeça contra a parede do corredor. Fiquei calado. Um deles agarrou-me nos braços enquanto o outro me dava pontapés, cada vez menos sorridente, cada vez mais sério no seu papel, exprimindo no rosto uma crescente concentração, uma acumulação de cólera, de ódio. Lembro-me: os socos na barriga, a dor provocada pelo choque da minha cabeça contra a parede de tijolo. É um elemento em que não se pensa, a dor, o corpo a sofrer de repente, ferido, martirizado. Pensa-se — perante cenas como esta, quero dizer: com um olhar exterior — na humilhação, na incompreensão, no medo, mas não se pensa na dor.

Os socos na barriga faziam-me sufocar e a minha respiração bloqueava. Abria a boca o mais possível para deixar entrar o oxigénio, inchava o peito, mas o ar não queria entrar; a impressão era a de que os meus pulmões tinham ficado subitamente cheios de uma seiva compacta, de chumbo. Sentia-os de repente pesados. O meu corpo tremia, parecia ter deixado de me pertencer, de responder à minha vontade. Como um corpo envelhecido que se liberta do espírito e, abandonado por ele, recusa obedecer-lhe. O corpo que se torna um fardo.

Riam-se quando o meu rosto ficava vermelho por causa da falta de oxigénio (manifestando o que é natural das classes populares, a simplicidade das pessoas vulgares que gostam de rir, *os felizes da vida*). As lágrimas subiam-me aos olhos mecanicamente, a minha vista turvava-se como acontece quando sufocamos com saliva ou um pedaço de comida. Eles não sabiam que era o sufoco o que me provocava as lágrimas, pensavam que eu estava a chorar. Perdiam a paciência.

Senti-lhes o hálito quando se aproximaram, aquele odor de leite azedo, de animal morto. Os dentes, tal como os meus, provavelmente nunca tinham sido lavados. Na aldeia, as mães não se preocupavam muito com a higiene dentária dos filhos. O dentista era muito caro e a falta de dinheiro acabava sempre por se transformar numa escolha. As mães diziam *Seja como for, há coisas mais importantes na vida*. Pago ainda hoje por essa negligência da minha família, da minha classe social, dores atrozes, noites sem sono, e haveria de ouvir, anos mais tarde, ao chegar a Paris, à École Normale, os colegas a perguntar-me *Mas porque é que os teus pais não te levaram a um dentista?* As minhas mentiras.

Responder-lhes-ia que os meus pais, intelectuais um pouco boémios, se preocuparam tanto com a minha formação literária que, por vezes, negligenciaram a minha saúde.

No corredor, o matulão de cabelos ruivos e o pequeno de costas arqueadas gritavam. As injúrias acompanhavam os socos, e o meu silêncio, sempre. *Paneleiro, bicha, rabeta, maricas, panasca, roto, larilas...* ou *o homossexual, o gay*. Às vezes, cruzávamo-nos nas escadas a abarrotar de estudantes, ou noutro sítio, no meio do pátio. Não me podiam bater à vista de todos, não eram assim tão estúpidos, poderiam ser expulsos. Contentavam-se com uma injúria, apenas *paneleiro* (ou outra coisa). Ninguém intervinha, mas todos ouviam. Penso que todos ouviam porque me lembro dos sorrisos de satisfação visíveis no rosto de outros, no pátio ou no corredor, assim como o prazer de ver e ouvir o matulão de cabelos ruivos e o pequenote de costas arqueadas a fazer justiça, a dizer o que todos discretamente pensavam e sussurravam quando eu passava, eu bem ouvia *Olha, é o Bellegueule, a bicha*.

«Na verdade, a revolta contra os meus pais, contra a pobreza, contra a minha classe social, o seu racismo, a sua violência, os seus costumes, foi apenas secundária. Pois antes de me revoltar contra o mundo da minha infância, foi o mundo da minha infância que se revoltou contra mim. Não tive outra escolha senão fugir. Este livro é uma tentativa de compreender.» É.L.

Primeiro e aclamado romance de Édouard Louis, que lhe conferiu de imediato um lugar de destaque na Literatura contemporânea, *Para Acabar de Vez com Eddy Bellegueule* é uma obra de ficção autobiográfica comovente e poderosa, que contrapõe a vontade e os desejos mais profundos do indivíduo à violência da sociedade e da própria família.

«Um romance de uma força e verdade emocionantes.»

Annie Ernaux, Prémio Nobel de Literatura

«Uma pedrada no charco da literatura "burguesa".»

Isabel Coutinho, Público



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[f elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[@penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-540-3



9

789895 895403